

Identidade e primitivismo

Patricia Teixeira Fernandes

Escola Municipal de Ensino Fundamental Esperança

Resumo: Atualmente estamos imersos em um “mundo” guiado por atitudes e ações imediatistas que privilegia o aqui e o agora onde as relações mais remotas são as heranças familiares. E é neste contexto que a escola atua e tem a incumbência de abordar as identidades individuais como partes da identidade humana. A identidade que investiga outros caminhos que não somente a família ou endereço. Somos todos “consequência” do processo de evolução do ser humano e, portanto, a identidade de cada um está muito além de nossos pais, avós ou quaisquer parentes próximos. É a identidade que remete às noções primitivas da raça humana, são as questões natas do humano. Este projeto de trabalho buscou envolver os alunos do terceiro ano em experiências dirigidas com o objetivo de favorecer a tomada de consciência corporal como herança de nossos ancestrais, através da identificação e experimentação da arte. A arte que acompanha a história evolutiva do homem e caracteriza sua cultura.

Palavras-chave: identidade; primitivismo; arte.

Este projeto de trabalho foi desenvolvido, durante o primeiro semestre do ano letivo de 2012, em uma turma de terceiro ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Esperança. Turma esta composta por dezesseis alunos com idade entre oito e dez anos. Sendo professora única da turma, tenho o privilégio de dispor do tempo integral das aulas para desenvolver o projeto e, deste modo, as atividades foram diluídas no currículo e correspondem às expectativas dos alunos. Assim, para contemplar as necessidades da turma, foram elencados os seguintes objetivos gerais: Reconhecer as práticas primitivas de tribos de diferentes épocas e povos; Identificar-se como indivíduo resultante da evolução humana que traz em si aspectos primitivos; Desenvolver diferentes formas de comunicação através de uma linguagem corporal, não fazendo uso de recursos tecnológicos; Exercitar a expressão verbal, corporal e gráfica de maneira articulada garantindo eficiência na comunicação expressiva, aprimorando critérios de clareza, precisão e criatividade; Promover o trabalho coletivo através de aspectos das culturas tribal e indígena reconhecendo seus valores e princípios e reconhecer a diversidade e a importância do respeito e preservação da fauna brasileira.

Para dar início ao trabalho assistimos o DVD Pinturas Rupestres da coleção Arte na Escola. A partir destas imagens, que mostram as cavernas brasileiras, a curiosidade dos alunos foi estimulada. Então, na aula de informática, a tarefa foi pesquisar sobre “Arte Rupestre Brasileira”, observar e salvar três imagens

diferentes. Estas imagens foram impressas e levadas para a sala em forma de painel. A observação das imagens foi tema de debate sobre a reincidência do uso das mãos, tanto impressas qual um carimbo, como vazadas em negativo. Destas “mãos”, como identidades únicas, surgiu a primeira prática em que inicialmente cada aluno deveria contornar sua mão com lápis preto sobre tecido de algodão; após foi realizado o alinhavo de todo o contorno e, na sequência, com a linha repuxada formando uma “trouxinha” do tecido, o trabalho foi tingido com tinta marrom específica dissolvida em água fervente. Depois de seco o resultado foi surpreendente, pois as mãos obtiveram um efeito envelhecido.

Outras questões que surgiram com as imagens das pinturas rupestres foram: a simplicidade do traço e do desenho; o interesse dos primatas ao representar de modo narrativo; a utilização de ferramentas e tintas alternativas e o processo da produção artística daquele período. Neste debate, os educandos elaboraram várias hipóteses e respostas possíveis. Surgiu o conceito de tribo, pois muitos desenhos representam a caça coletiva, a necessidade de agrupamento, então pesquisamos sobre as tribos indígenas que ainda existem no Rio Grande do Sul e algumas características culturais como danças, gritos de guerra, pinturas corporais, hábitos de convivência e de alimentação. Trabalhamos com o encarte do COMIN – Conselho de Missões entre Índios – que foi enviado às escolas para a reflexão sobre a semana dos povos indígenas 2012, que destaca o povo Kaingang. A turma então foi dividida em dois grupos que deveriam representar duas tribos – escolheram nome, elemento, dança ritual, pintura facial e grito de guerra. A atividade seguinte foi reproduzir desenhos rupestres em papel sulfite, tamanho A4, com lápis número 2. Após, os desenhos foram transferidos para uma lâmina de plástico transparente e projetados, através do “Retroprojektor” no papel pardo fixado na parede da sala. Cada tribo elaborou um grande painel com os desenhos de cada componente, utilizando carvão vegetal.

A próxima tarefa foi a elaboração da pintura facial que representaria cada tribo. Para tal, os alunos buscaram na Internet esboços e projetos de desenhos de rosto humano. Salvaram e imprimiram modelos de rostos e técnicas para o desenho facial. A partir destes, realizaram seus próprios estudos sobre a maneira de representar a face humana. Na sequência, desenharam um rosto, ocupando todo o tamanho da folha A4, verticalmente. Sobre este rosto, cada aluno criou uma pintura

para representar sua tribo. Para embasar esta atividade, procuramos na Internet, imagens de pintura facial de tribos, indígenas e africanas. Após todos terem concluído suas pinturas, foi realizada uma eleição em cada tribo para escolher àquela que mais explorou as características da tribo. A pintura eleita foi reproduzida nas faces dos integrantes de cada tribo utilizando anilina comestível dissolvida em pasta d'água. Esta seria a primeira caracterização das tribos.

Outra atividade foi o grito de guerra. Esta tarefa foi realizada no pátio da escola e cada tribo deveria criar uma coreografia envolvendo ações físicas que remetam aos movimentos dos animais e o nome da tribo. Exercícios com imitações de animais foram desenvolvidos como aquecimento corporal e preparo para a execução desta tarefa. Com o "grito de guerra" criado, as tribos entoaram a música *Epo I Tai Tai E*, coreografando-a. Em outro momento, para completar toda a encenação, os alunos confeccionaram um adorno utilizando penas, plantas e conchas (materiais trazidos por eles), que deveria ser usado por todos os componentes das tribos. Desta forma, com a coreografia e o adereço prontos, as tribos apresentaram suas coreografias para os demais alunos da escola.

Durante o desenrolar do projeto tornou-se visível a motivação e o envolvimento dos estudantes. O tema abordado foi oportuno e os objetivos foram alcançados. Acredito que desenvolver este projeto pelo viés da arte foi fundamental para o sucesso dos resultados. As conversas e debates que surgiram durante e após as pesquisas mostram que o conhecimento permeou todo o processo e foi construído pelos estudantes.